

0415.1

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Os Reizinhos de Congo

ILUSTRAÇÕES GRAÇA LIMA



REVISADO CONFORME A NOVA ORTOGRAFIA



EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA



Os Reizinhos de Congo

ILUSTRAÇÕES GRAÇA LIMA

REIZINHO DE CONGO

Esta é a história do reizinho coroado.

Quem tiver boca não fale, quem tiver ouvido escute.

O reizinho ainda é menino, mas sua coroa vem de longe.

Os avós dos avós do reizinho me chamavam por outro nome:

Calunga, calunga, ê

Calunga, calunga, á

Eu, o mar imenso, engolia gente e navio; levava muitos ao fundo. Outros, porém, escapavam e diziam:

– Somos malungos, companheiros nesta viagem.

A vida girou na roda do catavento.

Os avós do reizinho foram presos, perderam dente e saliva, mas não os pensamentos.

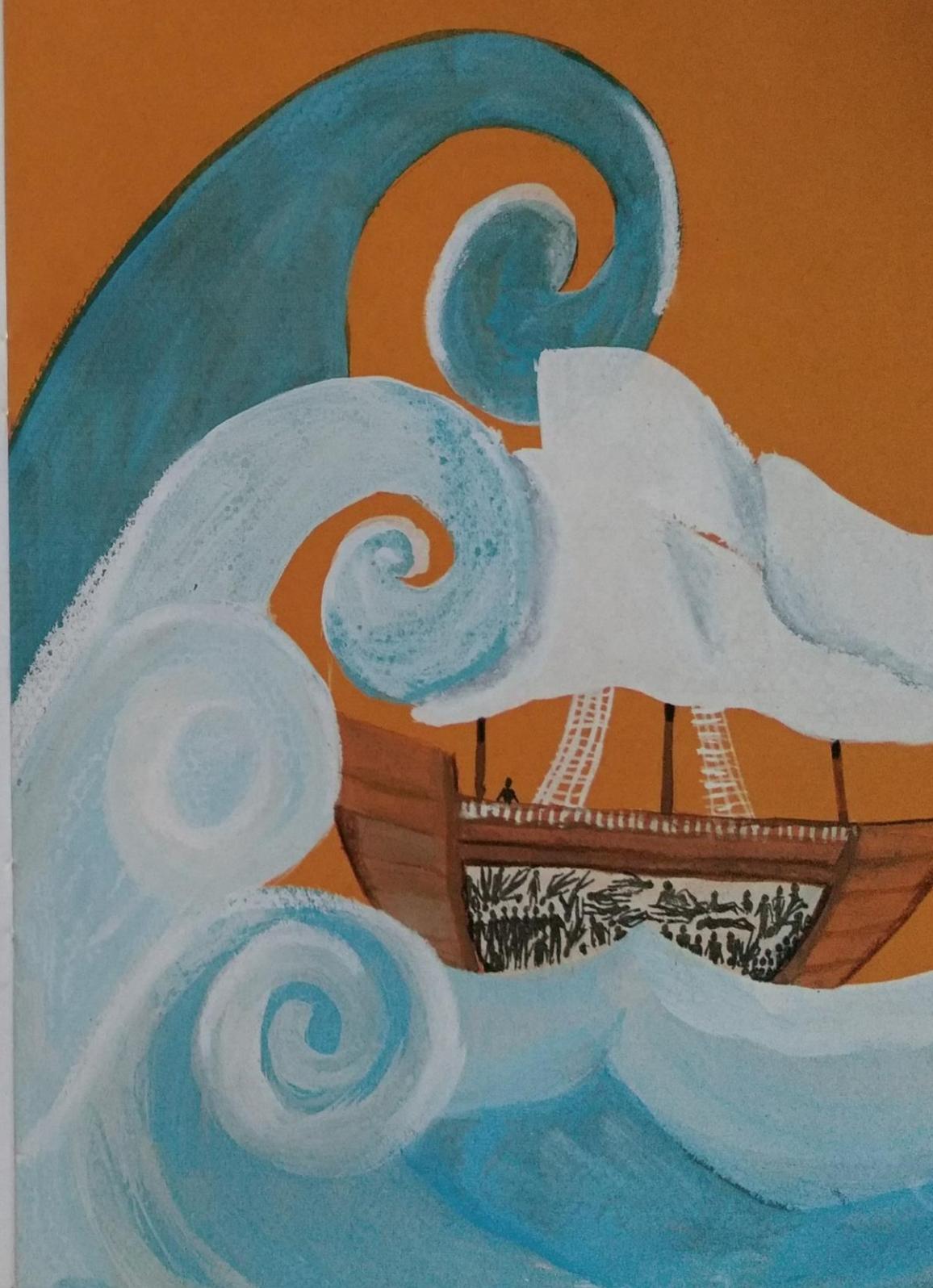
E o que disseram noutra língua, nosso ouvido vai puxando:

Ganga aruá dendê

Ganga aruá dandá

Viva o reizinho de Congo

Morador desse lugar.



São horas da madrugada, o reizinho acorda para a festa. Hoje é o dia esperado.

Virão gentes de todas as partes. Uns com tecidos de ontem, outros com o coração à mostra. Muitos com os pés descalços para dançar sem cansaço.

Hoje é o dia esperado.

Na festa, o reizinho sobe nos ombros do pai. Sua vista alcança as árvores, as casas, os bichos, os carros.

O reizinho cresce tanto, pode até ver o oceano.

O pai sua a camisa e a mãe, com um lenço branco, em silêncio vai cantando.

De repente, o mundo para.

Ninguém sairá de casa sem pedir licença às nuvens.

O reizinho não sabe as palavras.

Mas é todo ouvidos quando um mais velho anuncia:

*– Eu saí de minha terra
para as terras que não sei.
Girei o pião no escuro e,
quando ele parou, aqui cheguei.*



O reizinho desce dos ombros do pai e, sentindo-se já maior, foge dos braços da mãe.

Corre entre as vozes das gentes, levanta os ciscos do chão. Ai, tropeçou num susto.

É nada, nada, o carinho de um parente o segurou pela mão.

Disseram ao reizinho que nesse dia acontecem maravilhas. Marimbondo vira pipa, borboleta vira miçanga.

Acreditem, até árvore anda de costas e gavião de bicicleta. O reizinho o que faz é rir, e balança a cabeça de leve.

São as coisas por trás das nuvens que os homens olham, mas não entendem.

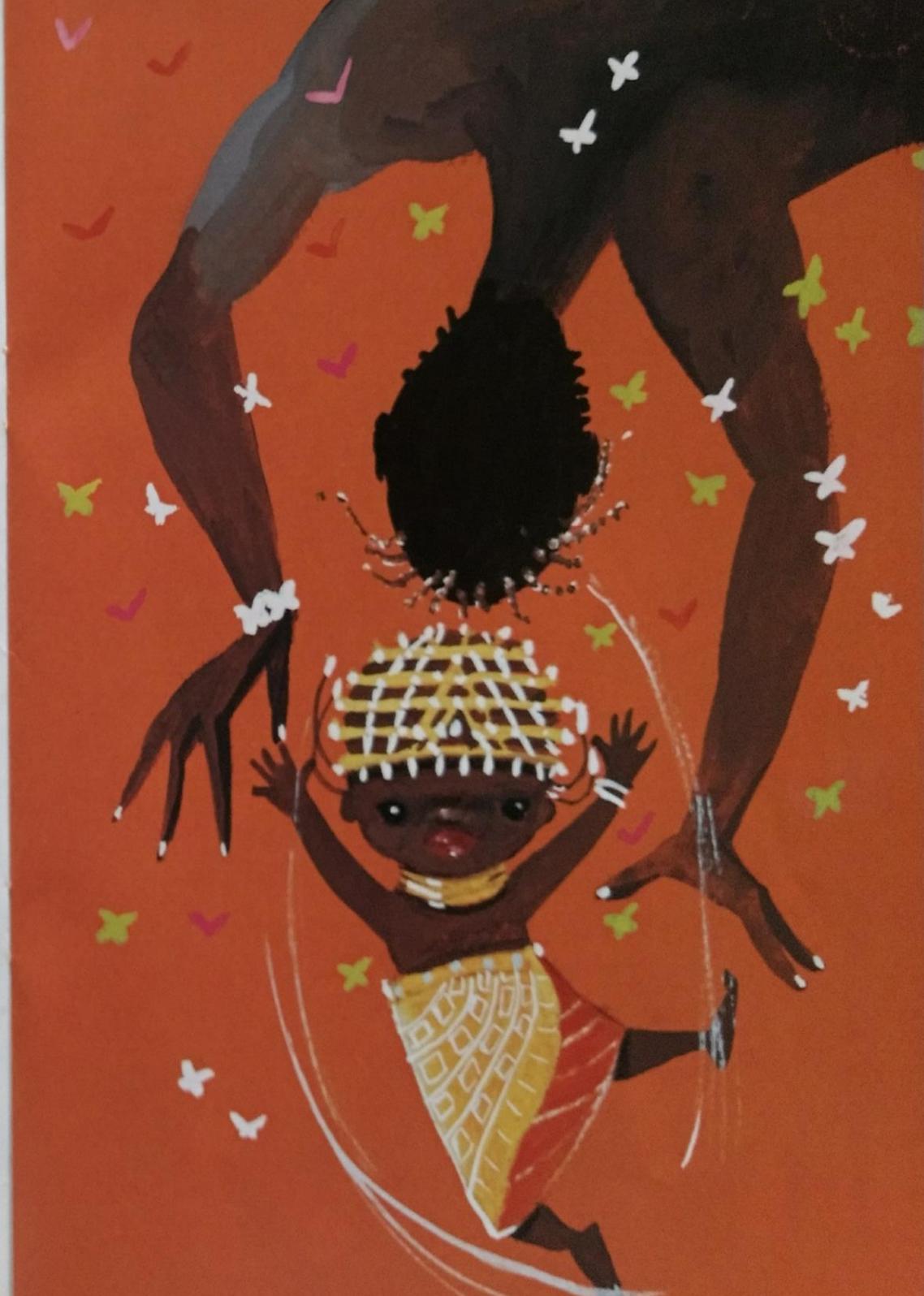
Coisas do tempo em que os avós dos avós do reizinho atravessaram o oceano.

Por isso todos vão à rua dançar esses mistérios.

Uns com os pés descalços, outros com pura alegria.

Estão chamando os passantes para dançar com eles.

É isso uma festa grande, olelé, olelé, pá!



De repente, o mundo para de novo!
Estão dizendo que um rio apareceu do zero e vai
acabar com a festa.

O reizinho não sabe as palavras para tirar esse rio
do caminho.

Mas é todo ouvidos quando um mais velho anuncia:

*– Vamos fazer a meia-lua,
meia-volta vamos já.
Voltaremos bem ligeiros
dos perigos dessa rua.
Nossa casa vai nos dar
para a festa o seu terreiro.*

O reizinho e sua gente giram... giram... com prazer
e valentia.

Quem quiser saber do mundo, dentro deles é que ele
vai. As sombrinhas da saudade e os cordões das andorinhas.

Dorindondim, dorindondá! Abram as rendas da lua
que o reizinho de Congo vai passar.



E passam também as horas como as águas minhas de oceano.

Foi o dia, a noite avança. Porque é pequeno, o reizinho está dormindo.

Em seu sonho lutam os navios contra a fúria das tristezas.

Os peixes engolem as pedras; mil homens perderam seus ossos.

O bicho de sombra engorda, mas nem faz medo a ninguém. O reizinho está sorrindo.

Esta é a história do reizinho coroado, acreditem.

Quem tiver boca não fale, quem tiver ouvido escute.

Entrou pelo pé do vento, saiu pela tripa do gato, quem quiser que conte quatro.



RAINHA-MENINA

A noite é o arco de uma barriga. O dia passeia por ela montado num cavalo-marinho.

Dessa noite grávida de sílabas está saindo a rainha-menina de Congo.

Suas tranças se emendam para alongar a família. Antes dela, sua avó e sua mãe surgiram do ventre da noite.

As duas cuidaram da casa como se fosse suas roupas. A casa, então, cresceu para além de suas bocas:

*Ô de fora, ô de dentro,
a mesa ainda é pequena.*

*Mas de um pouco
se faz muito, ô morena.*

A rainha-menina veio desse novelo, por isso dá voltas no escuro. O medo não é o seu cobertor, nem a miséria a sua blusa.

Em cada lugar onde pisa, uma flor brinca de roda:

*Ô de dentro, ô de fora,
essa casa não é minha
nem do sapo na ribeira.
Ela é do mundo, ô viola.*



A menina não foi sempre rainha, não. O que aprendeu foi com as histórias de sua avó.

Ela, de tanto tecer as coisas, lembrava uma aranha em seu ofício. Bastava puxar o fio da onda e o mar aparecia. Bastou puxar o fio da neta e ela se fez rainha. E a avó lhe cantou baixinho:

*Oaê, oaê, filha de Zambi,
no seu cabelo me tranço
para ver o Calunga grande.*

A rainha-menina leva os pássaros na cabeça. Vai sob a lua e a chuva. Vai porque não está só. Em seu vestido de festa, dança a sua avó. Em sua coroa de contas se hospeda o girassol.

- Quem dará um copo de água à menina?
- Nós, que estamos mirando seus anéis de sereno e prata.
- E para onde levais a menina?
- Para escutar as histórias do vento. Um viva para a rainha-menina!
- Oi, vivá!
- Ora, viva ou não viva?
- Oi, vivá! Viva a rainha-menina, oi, vivá!



De dentro de sua concha, o vento se pôs a contar.

No tempo em que tatu andava em duas pernas, a lua se escondia do sol. O rei chamou sua filha e disse:

– Filha minha, ninguém vê a lua. Por isso, as crianças que nascem não podem tê-la como madrinha.

A filha do rei pensou, pensou e decidiu visitar a lua. O rei não queria que ela viajasse, mas ela insistiu.

Chegando à morada da lua, perguntou:

– Por que você tem medo do sol?

– Não tenho medo do sol – respondeu a lua. – Não vou encontrá-lo ao fim da tarde porque não há quem tome conta de minha casa. E se o espírito da sombra entrar por ela, nunca mais sairá.

– Não seja por isso – disse a menina. – Eu cuido de seu pomar e converso com suas abelhas.

A lua agradeceu e partiu ao encontro do sol. Desde esse tempo, ela surge no céu para ser a madrinha dos recém-nascidos.

O rei, para não sofrer com saudades da filha, mandou coroar todo ano uma rainha-menina.

Foi assim que me contaram, e eu lhes conto num estalo.



A rainha-menina entende as histórias do vento. Ele, quando sopra, parece estar lhe dizendo:

*Olelê, olelê, menina.
Seu vestido tem a cor
das asas do beija-flor.*

*Sua coroa tem a hora
dos olhos de Nossa Senhora.*

Olelê, olelê, menina.

O dia todo se enflora como se a rainha-menina fosse aquela outra menina que cuidou da casa da lua. Um braço seu toca na terra, o outro chega no céu. As mãos alisam as estrelas e os pés, os búzios no mar.

Cresce tanto essa menina, que o vento se põe a cantar:

*Oaê, oaê, filha de Zambi,
no seu cabelo me tranço
para ver o Calunga grande.*

Quem quiser saber o nome da rainha-menina tem que inventar sete segredos. Depois achar as respostas e guardar com muito zelo.

Assim como faz a aranha com os fios de sua teia. Como fazem as mães deitando as crianças no berço.

A rainha-menina também é tecelã. Põe um riso na janela e o dia amadurece as romãs. Ela muda a cor dos brincos e o sol vem no terreiro.

Quem quiser saber o endereço dessa menina tem que sair à noite e olhar o sete-estrela. Depois escutar o que o vento está dizendo. Em qualquer língua que seja, basta o aceno da lua para ver a rainha de Congo.



Reizinho de Congo é um conto de muitos ritmos e muitos pontos, como os sonhos das crianças. Por meio das palavras que dançam, o reizinho-menino nos convida a conhecer a história de seus antepassados. Em meio ao sofrimento que a escravidão impôs aos negros na África e no Brasil, o reizinho de Congo descobre a coragem para tornar a vida maior que o medo. E partilha com todos essa lição de amigos.

A linguagem em flor do conto-poema *Rainha-Menina* revela a amizade entre diferentes gerações quando, por meio das conversas com a avó, a rainha-menina aprende os segredos da natureza e das palavras. A partir desse fio, somos envolvidos em um novelo de histórias, umas de encantar os olhos, outras de assustar os nervos. Por isso, o conto-poema não termina na última página, mas, ao contrário, recomeça sempre num passe de mágica.



ISBN 978-85-356-1319-3



9 788535 613193